RESUMO EXPANDIDO (PARA ASSOCIADOS AKB) / EXTENDED ABSTRACTS (AKB MEMBERS) - ÁREA 9. ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL

DEPENDÊNCIA CULTURAL E CONSUMO CONSPÍCUO NAS ECONOMIAS LATINO-AMERICANAS: UM INDICADOR DE BASE FURTADIANA/VEBLENIANA

Henrique Cauê Bittencourt (henriquecaue@discente.ufg.br)

Felipe Nogueira Da Cruz (felipenogueira.cruz@gmail.com)

A dependência cultural é um fenômeno inerente às economias periféricas, isto é, àquelas que acessaram a civilização industrial pela via indireta, por meio do comércio externo, num contexto de definição da divisão internacional do trabalho e subsidiado a partir do excedente gerado por vantagens comparativas estáticas (Furtado, 1974). Existem mecanismos institucionais responsáveis pela perpetuação (reinforcement) e histerese de um hábito de consumo culturalmente mimético em relação ao padrão de vida dos países centrais (Vilaça Jr.; Conceição, 2021; Arend et al., 2019). Com base nisso, utilizando o arcabouço desenvolvido por Celso Furtado e a tradição institucionalista herdeira de Thorstein Veblen, este trabalho tem como objetivo construir um indicador de dependência cultural, capaz de mensurar esse fenômeno para os países periféricos.

A partir do texto seminal de Prebish (1950), é evidenciado o papel da industrialização no desenvolvimento dos países periféricos, indo contra a doutrina tradicional a partir da qual o sistema de divisão internacional do

trabalho, fundado na Teoria das Vantagens Comparativas de David Ricardo, promove a difusão da produtividade industrial através do comércio exterior e é benéfico a todos os países. A partir disso, o esforço de industrialização dos países da América Latina, teria seus contornos delineados, tornando-se conhecido como o Processo de Substituição de Importações (PSI). No entanto, ao adotar uma posição crítica quanto ao caráter da industrialização dentro da periferia, Celso Furtado (1974) destaca a forma como a dependência cultural, inerente à formação histórica das economias subdesenvolvidas, e o respectivo comportamento por ela condicionado reproduzem estruturas sociais ligadas à manutenção do subdesenvolvimento.

Nesse sentido, devido ao atraso relativamente grande dos países latino-americanos em comparação ao grau de acumulação alcançado pelas economias capitalistas centrais, o processo de industrialização empreendido por aquelas economias periféricas apresentou um caráter qualitativo fundamentalmente diverso ao destas últimas (Furtado, 1974). Para compreender os diferentes matizes alcançados pelas economias nacionais menos desenvolvidas, torna-se imperioso voltar ao passado e analisar o caminho de acesso à civilização industrial por elas trilhado. Outrossim, deve-se abandonar a visão tradicional a partir da qual acredita-se em uma evolução marcada por etapas bem definidas para adentrar nas especificidades da evolução econômica dos países subdesenvolvidos.

Na Inglaterra, por exemplo, partiu-se de um modelo, no geral, atomizado, no qual as firmas eram dirigidas por famílias e pequenos proprietários. Em sua segunda fase, o esforço de industrialização das economias retardatárias exigiu que países como os Estados Unidos e Alemanha centralizassem a decisão econômica para a implementação de um sistema econômico nacional, num esforço muito maior que aquele empreendido pelos ingleses no período anterior. Tratando-se das economias da América Latina, as quais iniciaram seu processo de industrialização apenas no fim do século XIX, a lacuna a ser percorrida era muito maior. O acesso à civilização industrial pela via indireta, isto é, apenas pelo comércio internacional, engendrou um padrão de consumo “modernizado”, que evidenciou o caráter da dependência no processo de industrialização empreendido pelos países latino-americanos (Furtado, 1978).

Mais recentemente, na década de 1990, as nações da América Latina vivenciaram um processo de forte abertura econômica, seguindo os ares neoliberais que se revigoraram a partir do consenso de Washington, expandindo o poder hegemônico dos Estados Unidos (Campos; Lamonica;

Campos, 2021). Diverso ao ocorrido nas economias da Ásia oriental, onde a ampliação das exportações, decorrente da liberalização, foi responsável pelo impulsionamento do crescimento do produto, nas economias da América Latina, durante a década de 1990 e meados de 2000, a relação causal se mostrou mais fraca. A isso se deve o fato de que as reformas comerciais geraram efeitos negativos sobre os setores substitutivos de importações e também gestaram custosos desequilíbrios externos que se traduziram em crises ao longo desse período (Ffrench-Davis, 2005).

Assim, a expansão da economia mundial trouxe à tona problemas concernentes tanto ao comportamento agregado da economia internacional, quanto à crescente complexidade da trama de relações internacionais, levando em conta os papéis definidos pelo sistema de divisão internacional do trabalho. Os países de industrialização tardia, dentro desse arranjo, se encontram em absoluta desvantagem, tendo em vista que suas estruturas produtivas, de forma geral, não se equiparam àquelas existentes nos países mais desenvolvidos (Furtado, 1978).

No âmbito da América Latina, os efeitos da abertura comercial apresentam contornos únicos. A manutenção de um padrão de “consumo conspícuo” e culturalmente mimético das classes mais abastadas dos países menos desenvolvidos, resultante da percepção do padrão de consumo dos países ricos, cria tendências ao aumento da propensão a consumir, à redução da poupança, à concentração de renda e ao endividamento externo (Camatta e Salles, 2024; Caetano e Missio, 2017). Além disso, gera-se um sistema produtivo pautado no uso do excedente produtivo para fins diversos à acumulação de capital. A captura do excedente para financiamento do consumo mimético das classes dominantes retira renda da grande massa da população, reduzindo o mercado interno e estagnando a economia (Bresser-Pereira, 2007).

Com isso em mente, este trabalho busca evidenciar o caráter institucional do conceito de dependência cultural elaborado por Celso Furtado (1974, 1978, 1984), em especial, do comportamento de mimetismo cultural engendrado pelo capitalismo periférico, por meio de sua aproximação com o conceito de consumo conspícuo de Thorstein Veblen (1898) e outros avanços teóricos da tradição institucionalista original. Mais especificamente, o estudo decompõe a dependência furtadiana em componentes elementares, de causa e efeito, tensionando, com apoio do arcabouço institucionalista original, aprofundar a compreensão da dinâmica de dependência cultural da periferia. A partir disso, é

elaborado um indicador de dependência cultural capaz de captar seu efeito conjuntural (consumo conspícuo das elites periféricas no mercado internacional) e estrutural (heterogeneidade dos sistemas nacionais de produção das economias dependentes). Por fim, é feita uma análise dos resultados do indicador para as diferentes economias da América Latina e Ásia, ressaltando as tendências observadas ao longo do tempo em cada região e dentro de cada país.

O método de medição da dependência cultural tem como base a formulação de Furtado (1974, 1978, 1984), e leva em conta tanto o redirecionamento do excedente para atividades diversas à acumulação, capturada pela razão entre o consumo conspícuo de bens de luxo - a definição dos bens de luxo seguiu a proposta de Cammata et al. (2025) - e a formação bruta de capital fixo, quanto o processo de apropriação da renda executado pelas classes mais abastadas com o fito de financiar a manutenção de um padrão de procura diversificado e modernizado, capturado pela razão entre a parcela da renda nacional pertencente aos 20% mais ricos da população e a parcela de renda dos 40% mais pobres.

As duas razões foram normalizadas utilizando o método Min-Max (OECD, 2008), com o objetivo de tornar medidas com unidades diversas comparáveis. Além disso, para a agregação das variáveis, optou-se pela média geométrica, seguindo a recomendação para a construção de indicadores compostos não compensatórios (OECD, 2008). No entanto, como a função geométrica exige que as variáveis sejam estritamente positivas, o uso da normalização Min-Max tradicional [0,1] se torna inviável. Optou-se, assim, por uma transformação linear da escala, normalizando os indicadores dentro de um intervalo entre 0,1 e 1; essa mudança algébrica preserva a hierarquia original.

A especificação do indicador de dependência cultural é apresentada pela seguinte equação: DC = raiz quadrada da soma de CL e ID , em que DC é o indicador de dependência cultural; CL é o denominado coeficiente de luxo, dado pela razão entre o valor em dólares correntes das importações de luxo anuais e o valor em dólares correntes da formação bruta de capital fixo anual; e ID é o índice de desigualdade calculado como a razão entre o percentual da renda nacional dos 20% mais ricos e o percentual da renda nacional dos 40% mais pobres. Temos que $0,1 < CL, ID < 1$, sendo atribuído 0,1 ao menor valor da amostra e 1 para o maior valor.

Os dados de comércio exterior foram obtidos do Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales (CEPII) (Gaulier; Zignago, 2010), para o período de 1995-2024. Para o mesmo período, os dados referentes à formação bruta de capital fixo e participação na renda nacional foram extraídos do World Development Indicators do Banco Mundial (World Bank, 2026).

A partir disso, é possível observar valores mais elevados do indicador para os países da América Latina, enquanto os principais países do centro capitalista (aqueles pertencentes ao G7) apresentam valores bem menores ao longo do período. No entanto, as economias do Leste Asiático, apesar de se enquadrarem no grupo de países periféricos até fins do século XX, possuem um indicador de dependência cultural ainda menor do que o dos países do G7. A esse resultado, se deve a manutenção de um nível de capitalização elevado ao longo de décadas. Os países do Sudeste Asiático mostram um nível de dependência cultural acima das economias centrais e do Leste Asiático, mas ainda inferior ao nível da América Latina. A explicação para essa diferença reside no caminho percorrido pelos países latino-americanos, marcado pela falta de afirmação dos valores e identidades culturais nacionais, fomentando a histerese da dependência cultural como uma instituição histórica (Arend et al., 2019).

Palavras-chave: dependência cultural; consumo conspícuo; institucionalismo original; desigualdade de renda; américa latina.